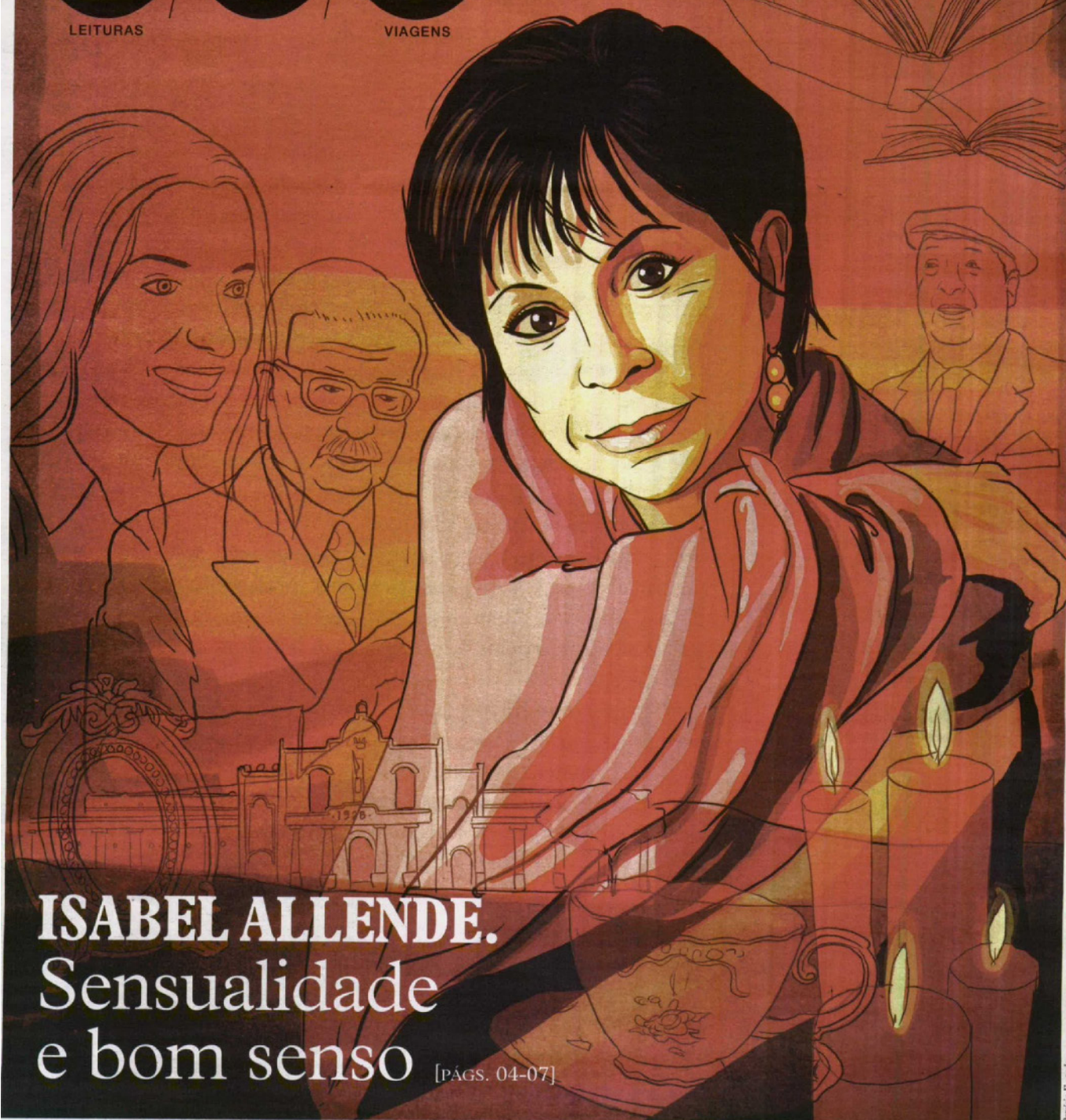


L / **i** / **V**

LEITURAS

VIAGENS



ISABEL ALLENDE.
Sensualidade
e bom senso

[PÁGS. 04-07]

BI

Origens Nasceu no Chile, em 1942, filha de Tomás Allende e Francisca Llona Barros.

Auto-Exílio Partiu para a Venezuela em 1973, logo a seguir ao golpe militar de Pinochet.

Estreia literária Foi em 1981, com "A Casa dos Espíritos", um sucesso que em 1993 foi adaptado ao cinema por Billie August.

Casamento Apaixonou-se por um americano, William Gordon, com quem está casada há 23 anos e por quem mudou de país.



O CADERNO
DE MAYA

Isabel Allende
Porto Editora
17,01€

ISABEL ALLENDE/

“Sou apaixonada, vaidosa, sensual e sexual. E feminista”

A escritora chilena, radicada nos EUA por amor, tem um novo livro. “O Caderno de Maya” fala de uma adolescente problemática, em (quase) tudo diferente das mulheres de Allende. **Diana Garrido** entrevistou-a e ficou a saber que Salvador Allende, presidente do Chile morto durante o golpe militar de 73, era vaidoso e mulhengo

As entrevistas à distância, feitas deste lado do computador, correm o risco de se tornar frias, impessoais, com respostas curtas e vazias de qualquer espécie de sentimento. Não é o caso. Isabel Allende, 69 anos, chilena de alma, venezuelana por exílio e americana por amor, responde com o coração na boca e partilha histórias sem tabus. E da mesma forma que responde sem censura acerca da dor que lhe causou a morte da filha, por quem, 19 anos depois, ainda chora, também descreve Salvador Allende, primo direito de seu pai, com pormenores familiares íntimos. “O Caderno de Maya” é o seu novo romance, uma história centrada numa adolescente problemática, contrastando com as mulheres fortes, apaixonadas e decididas que costumam viver nas páginas de Isabel Allende.

Este livro é diferente dos outros. Apesar de a personagem ser feminina, é uma adolescente, cercada por todos os problemas dessas idades. Porquê este tema?

Quando acabei de escrever “A Ilha debaixo do Mar”, os meus netos, que já são todos adolescentes, perguntaram-me quando é que escreveria “alguma coisa que lhes interessasse”. Tinha escrito vários romances históricos, que, evidentemente, não lhes interessavam. Então ocorreu-me escrever uma história contemporânea (passa-se em 2009), com uma adolescente como protagonista, um romance sobre os problemas e as inquietudes das pessoas dessa idade. Os miúdos de hoje estão expostos a muitos perigos: drogas, violência, pornografia, sexo sem precauções, etc. Eu, como avó, vivo assustada por eles: não sei como protegê-los.

E como nasceu Maya, a personagem principal? Inspirou-se em quem?

Maya é uma personagem de ficção, mas as minhas netas, Andrea e Nicole, serviram-me de modelo. Maya é uma combinação de ambas, mas tem o aspecto físico de uma rapariga escandinava: muito alta e loira. Andrea é uma grande leitora e desde pequena que escreve poemas, contos e diários. Nicole é atlética, aventureira e rebelde. São ambas sentimentais, e têm bom coração, como Maya.

E a personagem do avô, o Popo, que tanta importância teve na vida de Maya, também é baseado no seu próprio avô?

O meu avô era um basco severo, muito diferente de Popo. O avô de Maya é o avô que todos quisemos, uma pessoa que nos ama sem condições, divertido, sempre presente, sempre carinhoso. O meu avô era exigente e algo duro, nunca me fez uma carícia, mas eu adorava-o. Ensinou-me o essencial para a vida: disciplina, ética de trabalho, empenho, sentido de honra e de família. Ensinou-me a não me queixar e a assumir as minhas responsabilidades. Popo disse a Maya algo muito mais importante: o amor por ela própria. Ele dizia à sua neta: promete-me, Maya, que na vida vais gostar tanto de ti como eu.

Apesar de ser feminista assumida, em casa comportava-se “como uma gueixa”. Já não é assim?

O feminismo não se opõe à feminilidade. Posso defender os direitos da mulher, lutar para acabar de uma vez por todas com a sociedade patriarcal, que se apoia na violência, no poder, na hierarquia e na desigualdade, sem perder os meus atributos femininos ou a minha atracção por homens. Sou apaixonada, vaidosa, sensual e sexual. Já não sou uma gueixa, como fui na juventude; já não estou

disposta a servir ninguém sem que exista reciprocidade. Às vezes comporto-me como uma gueixa com Willie, o meu marido, como agradecimento por o muito que me mima, celebra, protege e ajuda.

O seu feminismo chegou ao trabalho: foi tradutora de romances femininos mas modificava os diálogos para que as personagens femininas ficassem mais inteligentes.

Pois, esse trabalho não durou muito. Despediram-me. Os editores não souberam apreciar as minhas alterações.

Disse em tempos que desejou ter nascido homem. Já lhe passou?

Queria ser homem porque era muito mais fácil do que ser mulher. Nasci nos anos 40, no Chile, numa sociedade patriarcal, conservadora e católica, em que as mulheres tinham muito poucas oportunidades e dependiam sempre de algum homem. À minha geração coube fazer a

transição, descobrir o feminismo, lutar, sair à rua, trabalhar em condições inferiores, criar os filhos sem ajuda dos maridos. Foi muito difícil. Agora, ao olhar para o passado e ao fazer um balanço da minha vida, descubro que pude fazer tudo o que faziam os homens (menos ir à guerra) e tudo o que fazemos nós, mulheres. Não queria ser homem. Estou muito contente de ter nascido mulher, de ter sido feminista e de ter facilitado o caminho da igualdade aos meus filhos e netas.

Foi jornalista durante 16 anos. Foram bons tempos?

Fui muito feliz como jornalista, era um trabalho de que gostava muito. Como jornalista conheci o Chile, primeiro com artigos de humor e com o feminismo, e depois com programas de televisão. Sentia que as pessoas me conheciam, que pertencia a uma comunidade, que podia tocar à porta de qualquer casa que me deixariam entrar. Isso terminou abruptamente a 11 de Setembro de 1973, o dia do golpe militar.

Que recordação guarda do dia do golpe militar no Chile?

Confusão, surpresa, incredulidade, medo. Ninguém sabia o que se estava a passar. Nós, chilenos, nunca tínhamos vivido uma experiência como essa. Acreditávamos – com muita arrogância – que um golpe militar era algo que acontecia nas repúblicas das bananas, que jamais poderia acontecer no nosso país, que era um exemplo de democracia. Quando aconteceu, teve características brutais. Passadas 24 horas do golpe já existiam campos de concentração e centros de tortura nos arredores de Santiago. Milhares de pessoas foram presas e torturadas, centenas foram executadas ou desapareceram.

Como era Salvador Allende como

“Acreditávamos que um golpe militar era coisa de repúblicas das bananas”

“Posso defender os direitos das mulheres sem perder a minha atracção por homens”

“Allende era arrogante e um pouco vaidoso. Tinha muito êxito com as mulheres”

homem, em família?

Allende era um homem público que tinha a política no sangue. Era um grande orador, carismático, capaz de convencer uma multidão, com sentido de humor. Era arrogante e um pouco vaidoso, gostava de se vestir bem. Tinha muito êxito com as mulheres. Dormia muito pouco e aproveitava as horas de insônia para estudar; tinha uma memória prodigiosa, e isso permitia-lhe parecer sempre muito bem informado. Era muito corajoso – demonstrou-o a morrer lutando no Palácio da Moeda no dia do golpe militar – e muito leal com os seus amigos.

Viveu em vários países, como a Bolívia, o Líbano, a Venezuela e agora os EUA. De que forma isso influenciou a sua escrita?

As viagens influenciaram muito a minha vida. Fui uma eterna forasteira, primeiro como filha de diplomatas, depois como exilada política e finalmente como imigrante nos Estados Unidos. Adapto-me facilmente em todo o lado e tenho uma visão bastante ampla do mundo, o que facilita o meu trabalho como escritora.

E de que forma o exílio de 13 anos na Venezuela a mudou enquanto pessoa?

Nos anos 70 o Chile era um país pobre, sóbrio, ferido pelo golpe militar, dividido por ódios internos e pela cruel repressão, que destróçou tantas famílias e destruiu tantas vidas. A Venezuela, pelo contrário, era um país rico graças ao petróleo, aberto, quente, generoso, alegre, democrático. A mentalidade dos venezuelanos era de aproveitar o que de bom tem a vida e não se preocuparem com o mal, que os problemas se resolviam sozinhos. O contraste entre o Chile e a Venezuela representou um choque cultural tremendo para mim. Na Venezuela larguei o fatalismo chileno, aprendi a estar bem, descobri o erotismo, a alegria, a cor, que mudou a minha vida e sem dúvida influenciou muito a minha escrita.

Foi Pablo Neruda o primeiro a dizer-lhe que devia ser escritora.

Isso foi em 1973, quando eu não imaginava sequer que um dia poderia escrever romances. Não liguei nenhuma a Neruda. Muitos anos mais tarde percebi que ele tinha toda a razão: era uma péssima jornalista.

Foi fácil passar do jornalismo para a ficção?

Não foi uma transição imediata. Na Venezuela não pude trabalhar como jornalista, fiz toda a espécie de trabalhos para ganhar a vida, até que em 1981 comecei a escrever. Penso que a minha experiência como jornalista me serviu para a literatura. O jornalismo ensinou-me a escrever correctamente e com disciplina, a investigar e conduzir uma entrevista, a organizar o texto, a destacar o importante e, sobretudo, a pensar sempre nos leitores. Vive nos EUA. Foi difícil adaptar-se à sociedade americana?



“Fui uma eterna forasteira, como filha de diplomatas e como exilada política”

“Na Venezuela deixei o fatalismo chileno, descobri o erotismo, a cor, a alegria”

“A morte de Paula foi o que de mais grave e doloroso aconteceu na minha vida”



Isabel Allende, que desde 1981 começa os seus livros a 8 de Janeiro, já publicou 19 romances

D. R.

Como se prepara para os seus livros? Tem rituais ou manias?

Tenho disciplina para começar sempre a 8 de Janeiro, para trabalhar entre oito e dez horas por dia, durante meses, para investigar e estudar os temas, para corrigir incansavelmente.

O que é que não pode faltar na sua mesa de trabalho?

Dicionários, flores, uma vela acesa, fotografias de Paula e dos meus avós, chá. Disse que a reconhecem na rua, nos EUA, depois de ter levado a bandeira olímpica nos Jogos Olímpicos de Inverno, em 2006, ao lado de várias personalidades, entre elas Sofia Loren. Como foi essa experiência?

Esses quatro minutos no estádio de Turim a carregar a bandeira olímpica atrás de Sophia Loren foram inesquecíveis: os meus quatro minutos de fama. O vídeo de TED [Talks. Isabel Allende foi às TED Talks em 2007, onde falou sobre esta experiência] circulou durante anos na internet e suponho que algumas pessoas me reconhecem por isso, mas não sou famosa como uma estrela de rock ou de cinema, sou só uma escritora.

Livros

Isabel Allende publicou 19 romances, mas não temos espaço para falar sobre todos. Escolhemos seis livros que contam a história literária da autora chilena



A CASA DOS ESPÍRITOS

1981
O primeiro romance de Allende conta a história de Esteban Trueba, da mulher, dos filhos legítimos e ilegítimos, sem nunca perder a ligação com nenhuma personagem, nem mesmo com os mortos. Em 1993 foi adaptado ao cinema com Jeremy Irons e Meryl Streep.



DE AMOR E DE SOMBRA

1985
O terceiro romance da escritora mistura feminismo, amor, magia e política, nos conturbados anos da ditadura no Chile, através da resistência de um casal apaixonado. A crítica internacional foi unânime a declarar Isabel Allende uma das maiores escritoras latino-americanas.



O PLANO INFINITO

1991
O sexto romance de Allende é o primeiro passado nos EUA e que retrata personagens americanas. Gregory Reeves é um americano num bairro hispânico a lutar pela sobrevivência e por esquecer uma infância infeliz de pobreza e negligência familiar.



PAULA

1995
Quando a filha, Paula, adoeceu com porfíria e entrou em coma, Allende decidiu escrever a história da família para que Paula a pudesse ler quando acordasse. A filha acabou por morrer. Ficou o livro com a história dos antepassados de Allende, cheia de personagens bizarras.



A CIDADE DOS DEUSES SELVAGENS

2002
O primeiro romance juvenil da autora conta a história de Alexander Cold, que parte com a avó Kate numa expedição da National Geographic à selva amazónica, em busca de um estranho animal. Seguiram-se "O Reino do Dragão de Ouro" e "O Bosque dos Pigmeus".



INÉS DA MINHA ALMA

2005
"Inés" é uma espécie de romance histórico baseado em eventos e personagens verdadeiras. Conta a história de Inés Suárez, uma mulher espanhola cujo papel na criação do Chile foi, segundo a autora, esquecido e apagado da história.